

A Sociologia de Sigmund Freud

The Sociology of Sigmund Freud

La Sociología de Sigmund Freud

Arlindo Souza Neto¹

Resumo

NETO, A. S. A Sociologia de Sigmund Freud. *Rev. C&Trópico*, v. 46, n. 2, p. 13-26, 2022.
DOI: [https://doi.org/10.33148/cetropicov46n2\(2022\)art1](https://doi.org/10.33148/cetropicov46n2(2022)art1)

Considerado um dos principais pensadores do século XX, Sigmund Freud desenvolveu não apenas um método terapêutico, a psicanálise, mas também um corpo teórico robusto, tendo como interesse a cultura, a origem da sociedade e a relação da coletividade com a vida psíquica individual. Como um pensador sem preconceitos disciplinares, Freud influenciou e foi influenciado por diversas disciplinas. Tendo isso em vista, este ensaio tem como principal objetivo esboçar heurística-mente alguns caminhos para uma análise sociológica da teoria psicanalítica de Freud, especialmente no que tange à sua compreensão do conceito de sociedade, como o apresenta em seus escritos e até que ponto tal conceito ainda é válido. O conjunto de sugestões esboçado neste ensaio, se realizado com sucesso, poderá demonstrar como funciona o sistema de enunciados da psicanálise sobre o social, como ele foi construído e o que ele inclui e exclui de seu horizonte. O que por si só explicitará o que neste ensaio é chamado de “teoria social freudiana”, ou, simplesmente, de a sociologia de Sigmund Freud.

Palavras-chave: Freud. Sociedade. Teoria social. Sociologia. Psicanálise.

Abstract

NETO, A. S. A Sociologia de Sigmund Freud. *Rev. C&Trópico*, v. 46, n. 2, p. 13-26, 2022.
DOI: [https://doi.org/10.33148/cetropicov46n2\(2022\)art1](https://doi.org/10.33148/cetropicov46n2(2022)art1)

Considered one of the main thinkers of the 20th century, Sigmund Freud developed not only a therapeutic method, psychoanalysis, but also a robust theoretical body, with an interest in culture, the origin of society and the relationship of the collectivity with individual psychic life. As a thinker without disciplinary bias, Freud influenced and was influenced by many disciplines. With that in mind, this essay has as main objective to heuristically outline some paths for a sociological analysis of Freud's psychoanalytic theory, especially with regard to his understanding of the concept of society, as he presents it in his writings and to what extent this concept still exists. its valid. The set of suggestions outlined in this essay, if carried

¹ Sociólogo, Mestre e Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Realizou Pós-doutorado em Desenvolvimento Urbano pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da UFPE. Email: arlindsociologo@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8033-2504>

out successfully, will be able to demonstrate how the system of psychoanalysis statements about the social works, how it was constructed and what it includes and excludes from its horizon. Which in itself will explain what in this essay is called “Freudian social theory”, or, simply, the sociology of Sigmund Freud.

Keywords: Freud. Society. Social theory. Sociology. Psychoanalysis.

Resumen

NETO, A. S. A Sociologia de Sigmund Freud. Rev. C&Trópico, v. 46, n. 2, p. 13-26, 2022.
DOI: [https://doi.org/10.33148/cetropicov46n2\(2022\)art1](https://doi.org/10.33148/cetropicov46n2(2022)art1)

Considerado uno de los principales pensadores del siglo XX, Sigmund Freud desarrolló no solo un método terapéutico, el psicoanálisis, sino también un cuerpo teórico robusto, con interés por la cultura, el origen de la sociedad y la relación de la colectividad con la vida psíquica individual. Como pensador sin prejuicios disciplinarios, Freud influyó y fue influenciado por muchas disciplinas. Tendo isso em vista, este ensaio tem como principal objetivo esboçar heurísticamente alguns caminhos para uma análise sociológica da teoria psicanalítica de Freud, especialmente no que tange à sua compreensão do conceito de sociedade, como o apresenta em seus escritos e até que ponto tal conceito ainda es válido. El conjunto de sugerencias esbozadas en este ensayo, si se lleva a cabo con éxito, podrá demostrar cómo funciona el sistema de enunciados del psicoanálisis sobre lo social, cómo se construyó y qué incluye y excluye de su horizonte. Lo que en sí mismo explicará lo que en este ensayo se denomina “teoría social freudiana”, o, simplemente, la sociología de Sigmund Freud.

Palavras chave: Freud. Sociedad. Teoría social. Sociología. Psicoanálisis.

1. Introdução de uma ideia

Sigmund Freud pode ser considerado um dos principais pensadores do século XX. A Psicanálise, enquanto teoria e método, influenciou não apenas as ciências sociais como um todo, mas uma série de pensadores. Freud desenvolveu, em primeiro plano, uma teoria da personalidade humana de viés universalista, mas também uma “Teoria da sociedade”. As ideais esboçadas neste artigo decorrem de uma tentativa de articulação entre os conhecimentos produzidos na área das ciências sociais e a Psicanálise. Essa tentativa não é inédita, sendo proposta há algum tempo, inclusive pelo próprio Freud. O que não foi ainda realizada é a tentativa de uma sistematização de compreender o que há de sociológico em Freud. Neste artigo, buscamos justamente esboçar os caminhos que deem conta dessa compreensão.

A construção de um olhar a respeito de uma “sociologia de Sigmund Freud” se torna relevante tanto para aqueles que desejam adentrar o universo freudiano a partir de uma perspectiva analítica pouco explorada, bem como para os que possuem

interesse nas relações entre sociologia² e psicanálise³. Em sua obra, Freud argumentou que o objetivo de sua teoria não estava restrito às sessões de terapia, e que ia ao encontro de todas as manifestações do psíquico, tanto no plano individual como no coletivo⁴.

Nesse sentido, a Psicanálise se coloca como um lugar de excelência para a análise do social, sua proposta não se restringe à análise da psique individual, mas, sobretudo, às formas da psique agir no mundo, de criar instituições, normas, valores, técnicas e as inúmeras manifestações humanas, as quais, evidentemente, estão submetidas às leis sociais⁵. Em última instância, mesmo não sendo seu principal interesse, Freud teorizou *lato sensu* sobre as demandas de sua própria sociedade, utilizando a psicanálise como um meio para compreender como os sujeitos mobilizam sistemas socialmente compartilhados para legitimar suas ações, vínculos ideológicos e sociais. Em última análise, o empreendimento de Freud era assinalar as transformações do laço social e suas origens.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, em Viena, Freud viveu numa sociedade onde a efervescência social estava no centro da vida cotidiana - com suas agitações, violências e neuroses. As configurações sociais ou “as disposições e os contextos”, nos termos de Lahire (2010), influenciaram Freud, não estando imune às particularidades sociais de seu tempo, vide suas dificuldades em desenvolver uma carreira acadêmica, sua atenção para a explosão e repressão da sexualidade, para as consequências de uma moral puritana, para a histeria e, evidentemente, para a sua própria origem judaica⁶.

- 2 Com uma leitura mais detida do índice remissivo das obras de Freud, observa-se a raridade do uso do termo “sociologia”. É inegável, contudo, o interesse sociológico presente em sua teoria psicanalítica. Nesse sentido, vale então questionar como Freud entendia a sociologia em *stricto sensu*, distinguindo-a das *Sozialwissenschaften*.
- 3 A definição freudiana de Psicanálise consiste em três perspectivas: (1) Um procedimento para investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo; (2) Um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos; e, (3) Uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo destas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. (FREUD, 1996 [1923]).
- 4 A psicanálise freudiana foi constituída, enquanto proposta de uma ciência da psique humana, por meio de fenômenos delimitados a partir da centralidade dos sonhos na vida psíquica, os atos falhos e os lapsos de linguagem (os ordinários chistes), o papel do inconsciente na determinação das escolhas individuais e coletivas, a dimensão sexual e sua relação com os desejos e pulsões, e, por fim, mas não menos importante, a família nuclear enquanto gênese do psiquismo e das patologias, em especial as neuroses.
- 5 Uma outra perspectiva relevante, refere-se ao caráter estrutural presente na análise psicanalítica. Numa análise é necessário que o psicanalista compreenda a singularidade vivida pelo analisando, contudo, para isso, é preciso considerar as estruturas que essa singularidade está inserida. Nesse sentido, Freud entendia que o laço social (e as relações que dele derivam) não pode ser negligenciado, muito menos ser tratado como uma estrutura mecânica. Em outras palavras, Freud intuía que o inconsciente pode ser de algum momento explicitado na vida social, e, portanto, sua teoria psicanalítica teria boas chances de acessar aspectos do inconsciente por essa via, aumentando sua potencialidade heurística, uma vez que, não nos esqueçamos, a teoria psicanalítica freudiana trata do funcionamento do psíquico da espécie humana, ou seja, propõe-se ser uma teoria universalista.
- 6 Lacan (2003 [1938]) observa esse aspecto da biografia de Freud, descrevendo da seguinte forma: “o sublime acaso da genialidade talvez não explique, por si só, que tenha sido em Viena - centro, na época, de um Estado que era o *melting-pot* das mais diversas formas familiares, desde as mais arcaicas até as mais evoluídas, desde os derradeiros grupos ágnatos de camponeses eslavos até as mais reduzidas formas do lar pequeno-burguês e as mais decadentes formas do casal instável, passando pelos patriarcalismos feudais e mercantis - que um filho do patriarcado judaico imaginou o complexo de Édipo.” (LACAN, 1938, p. 67).

Isso assinalado, consideramos que uma análise de uma teoria social produzida por Freud não pode deixar de lado tais contextos socioculturais. Não se trata, evidentemente, de uma “análise psicanalítica do social”, mas sim uma “análise sociológica da teoria freudiana”, tendo em vista a sua abordagem do social. De tal modo, não se trata de uma agenda de pesquisa *de* psicanálise, mas sim *sobre* o social na psicanálise freudiana.

A psicanálise ultrapassa em muito o domínio teórico, sabemos dessa característica. Apesar disso, a nossa proposição não aborda os aparatos clínicos referentes à prática psicanalítica de consultório e as consequentes relações entre analista e analisado. Entendemos que as “repercussões psíquicas” descritas por Freud, estão diretamente relacionadas a aspectos sociais, não existindo em sua obra, portanto, uma dissociação entre o psiquismo humano e a sociedade. Logo, as demandas dos analisandos de Freud, obrigaram-no a pensar o social, sua constituição e sua manifestação no aparelho psíquico humano. Em sua teoria psicanalítica, as esferas do social e do psíquico, *a priori*, não estão separadas⁷.

Dito isso, destacamos a emergência de uma investigação sociológica que dialogue tanto com a produção freudiana quanto com a produção acadêmica das ciências sociais sobre o tema aqui sugerido. Só assim, seria possível examinar como as argumentações freudianas foram pensadas, quais os contextos as influenciaram, bem como os argumentos contrários e as possíveis soluções sugeridas pelo autor na época.

Tal proposta se aproxima de uma perspectiva “disposicionista-contextualista” (LAHIRE, 2010), a qual considera que os contextos e as disposições sociais são elementos intrínsecos no desenvolvimento de qualquer indivíduo ou coletividade humana. Nesse sentido, o ambiente intelectual vivenciado por Freud, por exemplo, ganha destaque como um aspecto de relevância para o entendimento do seu conceito de sociedade e consequentemente da composição de sua teoria do social.

2. Definição de um problema ou o que há de sociológico em Freud

Em *Um Estudo Autobiográfico*, Freud diz que, a partir de 1923, seu interesse maior deixou de ser o campo da clínica e se voltou para os fenômenos socioculturais. Dos escritos sobre essa temática, *O Mal-Estar na Civilização* é o mais amplamente difundido e comentado. Porém, em *Totem e tabu*, publicado ainda em 1913, Freud já se detinha em entender como as sociedades surgiram. Embora sua análise seja psicanalítica, onde a tese “da morte do pai” é central, observamos a tentativa explícita de Freud compreender a natureza dos laços sociais e, em última instância, a manutenção da sociedade enquanto tal – vide *Psicologia das massas e análise do eu*, publicado em 1921.

⁷ A psicanálise enquanto teoria psíquica e “social” provocou uma série de mudanças na sociedade vienesa e posteriormente na Europa, EUA e América do Sul. Sua perspectiva epistemológica colocou-se em evidência por conta da figura de seu fundador. Muito já se falou sobre como a psicanálise foi incorporada pela modernidade ainda no início do século, como destaca o psicanalista Renato Mezan (2019), ao afirmar que “a psicanálise é em si mesma uma parte da cultura contemporânea, tanto no plano científico-filosófico, quanto no efeito imenso que as posições inspiradas direta ou indiretamente por Freud tiveram sobre os costumes e as ideias do século XX” (p. 31). Contudo, vale lembrar, as tintas de Freud quase sempre (senão, sempre) privilegiaram a psique individual.

É nesse sentido que na teoria freudiana o “inconsciente” aparece como uma hipótese que além de mudar a concepção e a posição do sujeito, propõe uma teoria do laço social. A partir do que Freud denominou de “conflito fundador”, é que se estabeleceu a instância coletiva do inconsciente. Como destaca Paul-Laurent Assoun em *Freud et les sciences sociales*, a partir do “conflito fundador”, “o assassinato do pai não é em si um fato social, mas, à maneira de um *big bang*, o acontecimento que condensou a ‘física’ das sociedades humanas.” (2008, p. 136). O vínculo social, no entendimento de Freud, teve sua gênese em um ato de violência e sua consequente culpa: a morte do pai originário e a culpabilidade coletiva pelo seu assassinato.

Posteriormente, em *O Mal-Estar na Civilização*, publicado 17 anos após *Totem e tabu*, Freud defende a tese de que somente a repressão das pulsões sexuais e agressivas torna possível a convivência entre as pessoas e consequentemente a preservação da sociedade e suas realizações culturais. Entretanto, essas repressões dão origem a um “mal-estar”, uma sensação negativa que acompanharia os indivíduos humanos durante suas vidas como um preço inevitável a ser pago por terem rompido com o reino da natureza, ingressando no mundo simbólico da civilização. Tal “mal-estar” se configura, segundo Freud, como um onipresente sentimento de culpa.

Na teoria freudiana, esse “mal-estar” é inconsciente, inerente à espécie humana e independe das organizações político-sociais. Por essa peculiaridade, Freud vê com ceticismo as utopias que prometem felicidade a partir de mudanças estruturais na organização social. Como, por exemplo, fez a Revolução Russa (1917), onde apregoava-se a ideia de ser possível construir um novo homem ao abolir a propriedade privada, tida como a corruptora de sua natureza originalmente boa.

É evidente que a psicanálise, reconhecida como uma força de emancipação humana, teve papel relevante nas mudanças sociais, como, por exemplo, no modernismo nos anos 20 do século XX, nos estados de bem-estar norte-americano e inglês dos anos de 1940 e 1950, bem como nas revoluções populares dos anos de 1960 e nos movimentos feministas e dos homossexuais dos anos 70 do século passado. Contudo, a psicanálise freudiana não passou ilesa às críticas, foi acusada de ser uma pseudociência antipolítica, antifeminista e homofóbica. É diante desse paradoxo que a psicanálise freudiana está presente socialmente.

Este artigo tenta jogar luz nesse tipo de paradoxo, a fim de que possa ser investigado através da compreensão dos modos de produção e o funcionamento dessa contradição, especialmente no que tange ao conceito de sociedade. Possivelmente, um exercício de análise sociológica que tome como base tais pontos, possa entender como tal conceito foi desenvolvido e como a sua construção valida ou refuta as principais hipóteses freudianas sobre a sociedade moderna. Logo, compreendê-lo também é compreender o estado do campo social da época em que escreveu e esboçou suas ideias. É necessário desenvolver um modelo de análise para articular contextos políticos, ideológicos e culturais da época, biografia intelectual, teoria psicanalítica e sociológica, a fim de chegarmos nos aparatos psicanalíticos utilizados por Freud para a compreensão do sujeito da sociedade do século XX. Desse esforço será possível entender até que ponto as interpretações freudianas são epistemologicamente sociológicas e como a categoria do “social” aparece descrita em sua obra.

Vale destacar que entendemos a teoria psicanalítica, em especial a teoria psicanalítica freudiana, diferentemente do que foi denominado de “movimento psicanalítico”, ou seja, a institucionalização dessa teoria. Em termos analíticos e teóricos são duas esferas que foram constituídas distintamente. A institucionalização da teoria psicanalítica de Freud exige outra abordagem a partir de outros questionamentos, os quais não abrangemos aqui. Nossa preocupação reside sobre o *status ontológico* do coletivo na obra de Freud. Em outras palavras, nosso interesse está em compreender a teoria geral da gênese da cultura e da civilização desse autor.

3. Um esboço de proposta teórico-metodológica de investigação

De modo geral, a obra de Freud pode ser dividida em dois momentos. O primeiro, refere-se à exposição de um aparato clínico, e o segundo, ao desenvolvimento de um arcabouço socioantropológico para o entendimento da gênese da complexidade psíquica humana. Esse último momento aparece de forma explícita em *Totem e tabu* (1913), *Psicologia das massas* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1928) e *O mal-estar na civilização* (1930). Os argumentos freudianos esboçados nessas obras, buscaram responder de onde veio o “estado conturbado de coisas humanas”. Como argumento central, Freud defendeu em tais obras que os conflitos atuais da humanidade advêm de um conflito originário e constitutivo da humanidade, onde cada sujeito reviveria o conflito do passado antropológico, reproduzindo-o no presente a partir de uma memória filogenética.

Sobre a constituição do social, vários autores esboçaram explicações, como, por exemplo, a perspectiva clássica de Émile Durkheim em *As regras do método sociológico*, publicado em 1895, em que os fatos sociais são fenômenos que não se confundem com os fenômenos orgânicos ou psíquicos. Durkheim explica que a sociedade é constituída por uma síntese *sui generis*, constituindo novos fatos sociais. A esfera do coletivo, como a consciência coletiva, é de natureza diferente da esfera do individual, ou seja, ambas as esferas consistem em representações diferentes. Em sentido analítico, não seria incorreto argumentar que Durkheim antecipou Freud em sua *Psicologia das massas*, quando diz que o indivíduo, solitário, em geral inofensivo, pode se tornar, ou se deixar ser um agente de atrocidades quando reunido em multidão⁸.

Nessa mesma perspectiva, Peter Berger em *Perspectivas sociológicas* argumenta que a busca por uma estabilização do mundo social pertencente aos seres humanos responde a um impulso antropológico universal, variando apenas em intensidade conforme a época e os grupos sociais. Já Anthony Giddens, em *A constituição da sociedade*, recorreu a uma “psicologia do ego” para argumentar que o impulso existencial por um mundo social se deve a uma busca incessante por uma *segurança ontológica*, ou seja, por um mundo que minimamente seguro, confiável, previsível, e sobretudo inteligível. O que une as interpretações de Giddens e Berger é o anseio vital por habitar um mundo dotado de ordem e sentido inerente aos seres humanos. Assim como uma casa a proteger seus moradores da intemperes da natureza, a sociedade ergue paredes simbólicas com função de proteger e organizar a vida.

8 É o que também pensa Bernard Lahire em *L'Esprit sociologique*, reafirmando que o “social é coercitivo”.

Para sociólogos como Berger, a sociedade fornece o *script* para os seus integrantes, a fim de que desempenhem seus papéis, ou seja, que respondam com certos comportamentos às expectativas sociais tipificadas. Berger pensa então que “a sociedade existe porque as definições da maioria das pessoas para as situações mais importantes são mais ou menos as mesmas” (BERGER, 1986, p. 107). Já para sociólogos como Pierre Bourdieu, em *A Reprodução*, a sociedade é pensada como mundo social, ou seja, como sendo a realidade apreendida subjetivamente por cada sujeito, a qual implica em comportamentos específicos. Em última análise, o mundo social é a representação que se faz dele.

A concepção de sociedade para Bourdieu não abrange a noção metafísica. De modo geral, as argumentações de Bourdieu giram em torno da ideia de que as sociedades não são nada além de indivíduos conectados entre si. Igualmente a Norbert Elias, que em *O processo civilizador* recorreu à teoria das pulsões em Freud para ilustrar e desenvolver um dos seus conceitos sociológicos fundamentais: o conceito de civilização.

Essa perspectiva elisiana parte da ideia de que os humanos não são por natureza civilizados, e que para conviverem uns com os outros e consigo mesmos, precisam desenvolver uma autorregulação, a qual consiste em aprender a controlar os afetos e as pulsões⁹. Elias sustenta, com Freud, que os seres humanos, diferentemente de outros seres vivos sociais, não possuem uma regulação dos afetos e pulsões de forma natural, ou seja, o autocontrole dos afetos e pulsões não é uma disposição natural, eles dependem do aprendizado pessoal, de um modelo de civilização dado pela sociedade.

Segundo a perspectiva teórica de Norbert Elias, no que tange aos processos de civilização, há diferentes níveis de divisão e diferenciação das funções sociais, bem como graus de interdependência entre as pessoas que correspondem a estruturas psicológicas específicas. De tal modo, para Elias, não há sentido em conceber um modelo universal do psiquismo que seja válido para todas as sociedades e todos os períodos históricos. Cada estrutura social gera mudanças psicológicas e formas de controle e autocontrole, tanto na expressão das emoções, por exemplo. Elias defende, portanto, para a necessidade de desenvolver os argumentos de Freud sob uma perspectiva histórica e processual¹⁰.

Elias, com base em uma análise científica, propôs ir “além de Freud” a fim de distinguir as transformações que influenciaram o desenvolvimento da personalidade humana. Afinal, Elias era irredutível: a estrutura da personalidade proposta por Freud

9 Como bem expressou seu argumento ao afirmar que: “Embora os seres humanos não sejam civilizados por natureza, possuem por natureza uma disposição que torna possível, sob determinadas condições, uma civilização, portanto uma auto-regulação individual de impulsos do comportamento momentâneo, condicionado por afetos e pulsões, ou o desvio desses impulsos de seus fins primários para fins secundários, e eventualmente também sua reconfiguração sublimada.” (Elias, 2006, p. 21).

10 Essa perspectiva também pode ser encontrada nas interpretações de Sérgio Paulo Rouanet (2003) das teorias freudianas, ao argumentar que Freud “[...] negou a existência de uma diferença diacrônica entre os seres humanos, porque os homens de hoje se comunicam com os da idade da pedra por uma história filogenética comum. Não via diferença entre selvagens e civilizados, porque, aqueles são tão capazes de pensar abstratamente quanto estes - o animismo foi o primeiro sistema filosófico coerente da humanidade -, os civilizados voltam, durante o sonho, ou quando se tornam neuróticos, ao modo de pensar dos povos primitivos. Não havia, para ele, diferença de essência entre adultos e crianças, porque o jogo das pulsões é fundamentalmente o mesmo nos dois estados. Não havia diferença qualitativa entre neuróticos e pessoas normais, mas apenas uma diferença de intensidades psíquicas. E não havia diferença psíquica decisiva entre homens e mulheres.” (ROUANET, 2003, p. 144).

não pode ser a mesma entre os séculos. Não é perspicaz achar que ela está imune às dinâmicas históricas e sociais, muito menos que as partes dessa estrutura – *id*, *ego* e *superego* – se apresentariam com mesma veemência na Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e na Idade Contemporânea. A proposta elucidativa de Elias então seria compreender *como* e *porque* essa estrutura da personalidade descrita por Freud emergiu e como se encontra contemporaneamente.

Em *O processo civilizador*, Elias buscou apreender como, porque, e em qual direção os comportamentos e expressões das emoções nas sociedades ocidentais foram se transformando, desde o período medieval até fins do século XIX. Podemos dizer, a partir de uma interpretação metodológica dessa obra, que Elias, mediante a leitura da psicanálise freudiana, incorporou ao campo da sociologia alguns referenciais que era apenas tratados na dimensão do indivíduo. Como resultado, Elias buscou trabalhar os elementos freudianos a partir de uma perspectiva histórica, ou seja, em sua interpretação as pulsões descritas por Freud são históricas e sociais, bem como o *ego* e o *superego*. Com isso, Elias propõe o entendimento de que as sociedades não atribuem a mesma relevância ao *superego*, evidenciando, portanto, que o autocontrole muda conforme a sociedade.

No texto *Au-delà de Freud*, trabalho que Elias vinha realizando antes de sua morte, a psicanálise aparece em primeiro plano na discussão, a fim de definir, no avesso dessa teoria, a proposta de uma sociologia processual que mostra que a estrutura psíquica não é estática e que seus componentes estão em relação com os processos civilizatórios¹¹. De tal modo, um dos pontos da crítica de Elias é que a teoria social de Freud é fundada no antagonismo entre indivíduo e sociedade¹².

Contemporaneamente encontramos uma alternativa interpretativa nos trabalhos de Bernard Lahire, de modo especial em *Franz Kafka: éléments pour une théorie de la création littéraire*, onde há uma concepção de sociedade concebida pelo diálogo entre sociologia e teoria psicanalítica. Nesse trabalho, Lahire argumenta que o principal distanciamento entre a psicanálise e a sociologia se encontra no esquecimento por parte da análise psicanalítica do caráter social e histórico dos contextos nos quais se desenvolvem os indivíduos, bem como por certa universalização e naturalização dos contextos de socialização postos pela psicanálise¹³. Vide o entendimento do contexto familiar como gênese exclusiva das experiências, por parte da psicanálise, e, por sua vez, a sociologia indo além desse contexto.

11 Existem alguns artigos e livros que versam sobre as possíveis relações que se podem estabelecer entre as formulações de Elias e as ideias psicanalíticas freudianas. É o caso de trabalhos como o de Georg Cavalletto (2007); e artigos como o de Helena Bêjar (1991; 1994). Encontramos ideias a respeito da relação entre Elias e a psicanálise freudiana também em Robert Van Krieken (1998); Kilminster (2007); Mennel (1998) e Joly (2012).

12 Esse argumento fica evidente na seguinte argumentação: “Podemos estimar que Freud não teria provavelmente sentido necessidade de inventar o mito da horda primitiva - esta versão da teoria do contrato social inspirada pela psicologia das neuroses - se ele tivesse adotado um modelo evolutivo das origens da sociedade. Ele parece ter aceito como um fato estabelecido a natureza evolutiva da descendência humana. Mas, por razões que se ignora, este modelo não teve nenhum papel na exposição de sua teoria psicanalítica. Desse modo, ele se esforçou em vão para resolver o problema fútil do começo da sociedade humana.” (ELIAS, 2010, p. 149).

13 A crítica de Lahire (2010) restringe-se ao campo teórico e interpretativo, uma vez que, em sentido metodológico, a cura analítica e a pesquisa sociológica afastam-se uma da outra a passos largos.

Com base nessa perspectiva, especialmente em Frankfurt, não eram raros os projetos científicos que propunham relacionar o social e o psíquico¹⁴. Um dos principais exemplos é a “primeira geração” da Escola de Frankfurt, a qual logo percebe as contribuições analíticas de Freud, em especial o aspecto da sociabilidade a partir dos afetos irracionais de massa. O diálogo entre as perspectivas sociológica e psicológica se mostrou como um campo profícuo para explicar a reprodução de certos padrões de comportamento social. Essa perspectiva analítica permeou os trabalhos de autores como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Erich Fromm e Herbert Marcuse, que compunham o núcleo duro da Escola de Frankfurt.

Esses autores utilizaram a teoria estrutural da personalidade proposta por Freud, baseada em três componentes: o *id*, o *ego* e o *superego*. A tese freudiana consistia na concepção de que as pulsões são mais potentes do que os interesses racionais. Os principais pensadores da Escola de Frankfurt se apropriaram das concepções freudianas por meio da relativização da teoria marxista. A teoria psicanalítica de Freud coube bem no papel de explicar a conservação de pulsões ou predisposições irracionais na sociedade, as quais conferem uma lógica aos “fenômenos superestruturais” tão presentes na interpretação marxista. Vide, por exemplo, os principais trabalhos de Erich Fromm, como o famoso *Sozialpsychologischer Teil*, publicado em 1936. Esse texto de Fromm, demonstra bem o uso da teoria freudiana (teoria estrutural da personalidade) para buscar explicar como e porque certos comportamentos são mais propensos a serem encontrados na vida social. Esse tipo de análise foi denominado por Fromm de “psicologia social analítica”, e consistia na tentativa de interpretar os fenômenos sociais por meio de uma explicação das respostas do patrimônio instintivo às situações socioeconômicas¹⁵.

Após uma apresentação concisa desse breve aparato bibliográfico fica evidente o fôlego necessário para dar conta de escritos densos e abrangentes como esses. Sugerimos como aparato metodológico três movimentos concomitantes: (1) a realização de uma abordagem bibliográfica; (2) de uma abordagem descritiva; e, (3) de uma abordagem epistemológica.

A abordagem bibliográfica consiste na leitura do material primordial sobre a temática produzido por Freud, para, por exemplo, compreender como as fontes consultadas foram construídas enquanto texto. Por sua vez, a abordagem descritiva consiste em capturar a descrição do conceito de sociedade na obra freudiana, ou seja, é possível identificar e correlacionar, por exemplo, os principais aspectos e fatos relacionados aos conceitos de “sociedade”, “cultura” e “civilização” na teoria psicanalítica de Freud. Isso contribui bastante para a identificação e explicitação das apropriações de ideias e conceitos realizados por Freud, ou seja, para uma análise que abranja conceitos que, ainda que originados em uma região particular do saber, podem ser retrabalhados para além de suas regiões originais, sendo utilizados para esclarecer sobre a realidade de outras regiões do saber.

14 A respeito da escola de Frankfurt, a teoria crítica e a psicanálise, consultar Rouanet (2001).

15 Afinal, as perguntas apresentadas por Freud em *Totem e Tabu* consistiam basicamente em entender o porquê do tabu, qual a sua motivação última e quais as origens da primeira célula da moralidade humana, a qual consiste no incesto. Na interpretação freudiana, a renúncia ao incesto significa a inauguração da sociabilidade.

Por fim, segundo Gérard Lebrun em *L'idée d'épistémologie*, uma abordagem epistemológica postula que a originalidade de qualquer saber implica uma racionalidade própria àquele saber. Lebrun argumenta que a racionalidade de uma ciência está enraizada num sistema autóctone de decisões e de escolhas, que para os contemporâneos parece ser um acúmulo de arbitrariedade. Mas não é. Uma *descrição* epistemológica pode evidenciar, por exemplo, como foram e estão organizados os enunciados da teoria freudiana, como se classificam e o nível de sua abrangência em sentido social. Uma análise epistemológica tentará descobrir quais enunciados a configuração do social postulada por Freud comporta ou prescreve, ou seja, qual ou quais são os sistemas de operação que funcionam efetivamente no discurso psicanalítico freudiano do social.

4. Considerações finais de um esboço

Citado anteriormente, Bernard Lahire formulou mais recentemente uma teoria da ação “disposicionalista-contextual”, caracterizada principalmente por ser uma teoria sensível à escala individual do mundo social. Considerado um sociólogo pós-bourdieuiano sua proposta teórico-metodológica contribuiu para transformar a teoria do *habitus* e dos campos desenvolvida por Bourdieu.

Em sua publicação mais recente, Lahire, em *L'interprétation sociologique des rêves*, toma os sonhos como objeto de análise. Nessa obra, ele explica por que o sonho, mesmo sendo uma realidade individual e um tipo de comunicação interna, é ainda um fenômeno social por excelência. Tal perspectiva advém de sua proposta analítica, a qual consiste numa síntese metodológica, na qual são articuladas técnicas qualitativas para recolher e examinar sociologicamente os relatos de sonhos.

Como fenômeno intrinsecamente social, os sonhos, segundo Lahire, são fenômenos pelos quais os sociólogos podem acessar os caminhos sociológicos e psíquicos percorridos pelos humanos na constituição da sociedade e da vida social. Para a realização desse empreendimento analítico Lahire percorre todo um caminho metodológico denominado de “disposicionalista-contextualista”. Segundo essa perspectiva, o pesquisador social levará em consideração o que estava disposto na sociedade e em qual ou quais contextos essas disposições estavam em diálogo. Lahire, nesse sentido, coloca como ponto central de sua perspectiva o que ele denomina de o passado incorporado, que é estruturante, e os constrangimentos dos contextos no presente¹⁶.

Como descrito mais acima, desenvolver esse mesmo percurso a fim de analisar os textos freudianos se mostra promissor, especialmente quando falamos sobre as bases comportamentais da vida social. Nos escritos de Freud, é como se o conceito de sociedade estivesse subentendido ou estivesse aberto, cabendo à interpretação ou ao gosto do autor/pesquisador. Identificar os seus limites, desdobramentos e

16 Outro trabalho relevante de Lahire (2010) consistiu em uma “biografia sociológica” de Franz Kafka. Seu objetivo, em última análise, era entender por que Kafka escreve o que escreve do jeito que escreve. Lahire propunha partir de uma descrição atenta e meticulosa do “patrimônio de disposições”, ou seja, do patrimônio incorporado de experiências socializadoras, condicionado a um passado incorporado “disposicionalista” e um presente “contextualista”.

potencialidades da “teoria freudiana da sociedade”, a partir de uma perspectiva “disposicionalista-contextualista”, no mínimo ajudará a ampliar conceitualmente a ideia de sociedade na obra desse autor.

Diante de tudo o que foi dito, acreditamos que tal empreitada, se concluída com sucesso, poderá demonstrar como *funciona* o sistema de enunciados da psicanálise sobre o social, bem como se *construiu* e se *constrói* esse sistema, e o que ele inclui e exclui de seu horizonte¹⁷. A análise resultante será a explicação do funcionamento da teoria freudiana sobre o social, e porque também não da Sociologia de Sigmund Freud (e por que também não de uma Sociologia de Sigmund Freud?!).

17 Um exemplo elucidativo disso pode ser encontrado em *Interfaces da psicanálise*. Renato Mezan (2019) ao se referir à epistemologia da psicanálise nos diz: “[...] embora Freud proponha que a fonte da pulsão é localizada em partes específicas do corpo (a boca, o ânus), está excluído que procure determinar biologicamente o vínculo entre o órgão-fonte e a finalidade da pulsão parcial que nele se origina. Também está excluída a hipótese de localizações cerebrais específicas para a histeria ou a hipocondria, mas pode ser formulada a questão da “escolha da neurose” em função da biografia do indivíduo, dos traumas pelos quais passou, das fixações e regressões que ocorreram em sua história libidinal. Da mesma forma, toda hipótese que ligasse a neurose à ideia de *degeneração* (tão em voga na época) não pode ter cabimento no discurso psicanalítico, e certamente não por motivos humanitários - seria a mesma coisa que tentar jogar gamão num tabuleiro de xadrez.” (Mezan, 2019, p. 440).

Referências

- ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud et les sciences sociales*. Paris: Armand Colin, 2008.
- BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- BOUDIEU, Pierre. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1982.
- CAVALLETTO, G. The historical psyche: Norbert Elias's historical social psychology. In: _____. *Crossing the psycho-social divide: Freud, Weber, Adorno and Elias*. Ashgate, 2007. p. 177-251.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELIAS, Nobert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. V.1.
- _____. *O processo civilizador: Formação do estado e civilização*. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. V. 2.
- _____. *Au-delà de Freud*. Sociologie, Psychologie, Psychanalyse. Paris: La Découverte, 2010.
- ENRIQUEZ, Eugène. A perversão generalizada da sociedade. *Cronos*, Natal-RN, v. 2, n. 1, p. 142-149, jan./jun. 2001.
- _____. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1999.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. *Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FROMM, Erich. *Studie über Autorität und Familie*. Sozialpsychologischer Teil. Lüneburg: Dietrich zu Klampen-Verlag, 1987.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JOLY, M. *Devenir Norbert Elias*. France: Fayard, 2012.

LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAHIRE, Bernard. *L'interprétation sociologique des rêves*. Paris: La Découverte, 2018.

_____. Elias, Freud e a Ciência do Homem. *Revista Pensata*, Guarulhos, v. 2, no 1, p. 202-212, 2012.

_____. *Franz Kafka: éléments pour une théorie de la création littéraire*. Paris: La Découverte, 2010.

_____. *L'esprit sociologique*. Paris, La Découverte, coll. Textes à l'appui/Laboratoire des sciences sociales, 2005.

LEBRUN, Gérard. "L'idée d'épistémologie". *Manuscrito*, nº 1, Unicamp, 1977.

KILMINSTER, R. *Norbert Elias: post-philosophical sociology*. Taylor & Francis e-Library, 2007.

MEZAN, Renato. *Sociedade, cultura e psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2017.

_____. *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. 2. ed., São Paulo: Blucher, 2019.

MEZAN, Renato. *Interfaces da psicanálise*. 2. ed., São Paulo: Blucher, 2019.

MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. 8. ed., São Paulo: Blucher, 2019.

PETERS, Gabriel. *A ordem social como problema psíquico: do existencialismo sociológico à epistemologia insana*. São Paulo: Annablume, 2017.

ROUANET, Sergio Paulo. *Interrogações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. *Teoria crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

VAN KRIEKEN, R. Towards a theory of human society. In: _____. *Norbert Elias*. 1998, p. 40-80. London: Routledge, 1998.

